

***todo o tempo tem seu tempo  
dentro do ano que perdura***

*Gérson Werlang*

*Seleção de amplitude cósmico-reflexiva para a Rede Sina*

*Agosto de 2024*

## A SAGRAÇÃO DO OUTONO

Em círculos concêntricos de luz difusa  
o outono se instala  
como um farol distante na neblina  
os primeiros frios os primeiros  
medos da infância

Os halos e hálitos que chegam  
já não lembram que houve verão  
e consagram em sombra e luz  
os negativos de uma dobra de sonho  
na esquina deserta na madrugada  
na ausência do jasmim explícito exposto ao céu  
no pátio deserto entregue à lua

As nuvens se desdobram por entre os ventos  
e a massa pesada se retraduz  
em frio, em campo

O outono é chegado  
já não há mais tempo  
(ano veloz outono adentro).

## TRANSCENDÊNCIA

Você falava faca  
Fogo e desafio  
Seu fio me feria.  
Agora transgrido  
O ferino da língua e do corte  
E embora haja faca e fio  
Já não me fere o mesmo toque  
As palavras que passo são outras  
Os sons que sinto são suporte  
De um fado mais longínquo  
Sem faca, fogo ou morte.

§

## PÁSCOA

as manhãs de abril comportam cestos  
centos de ovos  
novos santos

os caquis escuros explodem  
nos pátios repletos da tez  
mais madura das folhagens

a Páscoa expõe seus signos:  
frios férteis frágeis cios  
tios nas casas  
primos na sala  
ventos vadios

## BALADA OUTONAL

Lentas são as vozes  
que saem como sonhos  
das gargantas imortais  
dos vinhedos ao vento  
das luzes outonais

lentos são os gestos que pairam  
quando pássaros possessos  
lavram nuvens  
sementes e pólen

lentos são os passos do tempo  
e enquanto lembro laços  
abraços feitos quais traços  
de luzes límpidas no espaço  
peço que os gestos, as vozes  
e os passos  
levem sempre para teus braços  
um pouco da ternura que faço  
ao sentir nas rodas do universo  
um maço maduro  
de teus cabelos em cachos

Quando olho nos teus olhos  
    não vejo olhos  
vejo mundos  
onde habitam tempestades  
de reflexos que pairam  
no silêncio dos sonhos

quando olho nos teus olhos  
    não vejo olhos  
vejo nós  
e que valham-me os atos  
nós em olhos não se desatam

§

enquanto o vento cruza a terra  
batendo em folhas e cabelos  
enquanto os relógios tiquetaqueiam  
os segundos os minutos os milênios  
e sombras desfazem sombras  
de luas que constroem mundos  
enquanto a água roda o moinho  
e o moinho roda o planeta  
em ti deposito todos os meus sonhos  
o terno e o eterno  
nossa comum faceta

§

no espelho  
somos o inverso convexo do verso  
re  
    flexo  
ambíguo

## do amor e do sexo

§

Castiguei teus dias  
com uma adaga de fio vencido  
e ao largo de cada dia que passei contigo  
perdi algo de mim  
e o que era valioso na solidão mais simples  
tornou-se fel na tempestade  
e os véus que havia entre nós  
esvaíram-se até não restarem mais rostos  
por trás do esmalte de tantas máscaras

agora vejo teus olhos na distância  
e não compreendo o que eles dizem  
não ouço teu choro nem teu canto  
apenas sinto que depusitei teus sonhos  
nos braços de deuses tortos  
e as carcaças de desejos de antanho  
vagam a esmo pelas tardes mortas

## DESPISTE

Estou amargo como fel  
Áspera ânsia me consome  
Enquanto a desesperança me trai  
Tudo é abandono na insônia

Estou destilando dores  
Entre girassóis esquecidos  
Nada me conforma  
Enquanto esqueço o que não consigo

O âmago dos deuses me corrói  
Enquanto corro pelos corredores  
Procurando sol

O irremediável me domina  
O disforme desejo me tortura  
A clareza não voltará

Nunca será cedo  
Jamais haverá manhãs  
As planícies se evolaram

Estou amargo como losna  
E embora queira o mel  
Sei que de doce já basta a vida.

§

na rua  
a luz do fusca ofusca  
a luz da lua

§

CERTEZA

a única coisa insuportável é a dúvida

§

O APRENDIZ ETERNO

em luzes de tez pálida  
teço meu manto etéreo  
nas teias de um sonho novo  
na surpresa de uma velha ideia

nas dobras de mim mesmo  
me reteso e sigo  
me reteço eterno  
redivivo

## NOTURNAL

Enquanto sombras caem sobre a neve  
De um dia ocidental  
Trópicos podres perdem-se nas noites  
Sou o frio, sou o sul.

Nuvens esvaem-se nas dobras de meu corpo  
De nossos sonhos  
Geada quebrando o gelo em nossos corpos  
Sofro o dia, o sem fim.

Me perco na tua voz lúcida  
Na tarde sombria  
Choro e meu canto se desfaz  
Nos regatos, na memória  
Tudo se refaz

Eu sobrevooo e não passo  
Esqueço o rastro de tua pegada  
E me refaço  
Madrugada, dois graus.

Eu, vasto.

§

Não bastaria se eu quisesse me sentar  
e ouvir apenas a canção insana  
que canta a vastidão dos abismos  
nem assistir estagnado  
a um vago sopro de cinzas  
que as horas não podem levar

ouve as vozes?  
que dizem elas?  
que dizem os mortos em suas tumbas?

luzes e sonhos  
lamentos longínquos?

não, não podemos esperar  
os reflexos se abaterem sobre nossos corpos  
nem o amarelo obscurecer nossas fotografias,  
todos os sonhos dizem o mesmo  
aproveita as horas, engana o tempo  
o quinhão de vida que te é dado  
não volverá um só segundo  
e se agora tocam bandas  
e bandos sobrevoam em revoada  
deleita-te e não espera  
áspera é a grama que envolve o solo  
aprende a nela deitar-te

a solidão ou a companhia  
não esperam por outro dia.

§

Hoje será a simplicidade  
como o cheiro de sabonete  
entrando pela primavera acesa

toda serra, todo rumo  
e o sumo de teu beijo na manhã embevecida  
embebida no sol cristalino de tua luz

hoje será o estranho  
da lembrança de tua chegada  
nas manhãs de inverno  
rompendo o silêncio e o frio  
com o gosto de tua boca amanhecida

hoje será a língua no marfim  
o nácar novo o orvalho  
de quem permite  
o gesto o justo momento  
asas ao exato instante  
teu sim sonando silêncios  
meu fim fugindo da glória  
de teu fatal senso de misericórdia.

§

no sangue da melancia  
o prazer vegetariano  
da minha antropofagia

#### MATINAL

enquanto o pai lava o rosto  
enquanto a mãe põe a mesa  
não há tempo pra desgosto  
goza o momento do gozo  
ri o instante do riso  
rio que flui na manhã  
liberto, sereno, preciso

## SOCIOPOEMA

Nas gretas da terra incerta  
que desbravavam nossos antepassados  
carregando nas entranhas de cada gesto  
o indigesto gerir de cada dúvida  
e nas malhas do arado diverso  
de suas tardes de domingo em calmaria  
não teriam gerado em cada ato  
um pouco de nossa raiz arisca?

E em cada mulher daqueles altiplanos  
acostumadas com o vento que vergastava suas sóbrias faces  
e às sombras de suas casas e suas lides  
não haveria em cada uma  
um pouco de nosso olhar perdido  
no horizonte parco de nossas cidades?

Assim,  
quando o vento vem de campos longínquos  
invadindo com seus cheiros a cidade  
nos abandonamos à sua passagem  
como nos abandonávamos ao colo de nossos avós  
e mergulhamos na saudade do que não sabemos  
distantes que estamos do que éramos  
distantes que estamos de nós mesmos.

